



A REINVENÇÃO DA NATUREZA *

■ MARIA GERALDA DE ALMEIDA - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA/ UFC

RESUMO

LEITURAS ATUAIS DAS CONCEPÇÕES DEFINIDORAS DAS RELAÇÕES SOCIEDADE-NATUREZA COLOCAM EM DEBATE A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA NATUREZA E LEVAM A UMA RECONSIDERAÇÃO DA CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DESTA. DUAS CORRENTES PRINCIPAIS ANIMAM AS DISCUSSÕES: UMA SOBRE A CRISE AMBIENTAL E A OUTRA SOBRE A VALORAÇÃO DO NATURAL – ESTA SE DANDO PELA (RE)SIGNIFICAÇÃO DAS COISAS NATURAIS E PELA REAFIRMAÇÃO DESTAS COMO PARTE E PRODUTO DA SOCIEDADE. A NATUREZA SE REINVENTA NA MODERNIDADE PELO SEU VALOR DE RECURSO, ILUSTRADO AQUI PELA BIODIVERSIDADE E PELO ECOTURISMO. COMO ESTA NATUREZA É PARTE E ESTÁ EM UM TERRITÓRIO, A DISCUSSÃO É FEITA A PARTIR DOS TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS DE PERTENCIMENTO E VIVÊNCIA, E PELO MARCO NATURAL – O CERRADO.

PALAVRAS-CHAVE: (RE)SIGNIFICAÇÃO DA NATUREZA, TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS, GEOSÍMBOLO, CERRADO.

A emergência de uma preocupação nova, no que diz respeito à natureza no último quarto do século vinte, foi em parte resultante de releituras das concepções que, até então, definiram as relações sociedade-natureza, assim como, no entender de Eder *apud* Rudolf (1998), da maneira pela qual as sociedades representam e constroem aquela e, por conseqüente, a sua natureza.

As sociedades, conforme Eder, são constituídas sobre um mito pacificador e a ocasional presença da violência serve como indicativo na avaliação da práxis social. A modernidade, no seu entendimento, possui uma dicotomia que é similar à do mito fundador, se alimenta tanto de uma tradição sangrenta ou coercitiva como de uma tradição não violenta ou comunicacional do contrato social. Esta dicotomia se afirma através da história.

Quando presentemente a sociedade se interroga sobre suas relações com o meio natural está, também, colocando um debate sobre a instrumentalização da

natureza e uma reconsideração da construção simbólica da mesma. Nesta perspectiva a crise ambiental teria este sentido da "violência" e aparece como um momento importante da nossa história uma vez que ela cria uma ocasião ímpar de efetuar um retorno à socialização da natureza e apreender as dissonâncias entre a legitimação e a produção de ordem social existentes na modernidade. Isto estimula a vertente comunicacional da modernidade e age indiretamente sobre a práxis social.

Entretanto, a despeito desta corrente questionadora de uma "crise ambiental", delinea-se uma vigorosa contracorrente impulsionada pela "descoberta" valorativa do natural que, pelas características históricas, configura-se como uma reinvenção. Esta se dá pela (re)significação das coisas naturais e na reafirmação destas como partes e produtos da sociedade. Refletir pois, sobre estas, pela transversalidade da cultura, é, nos diz Almeida (2000), considerar que elas possuem signos e

mensagens e é interpretar o valor social a elas agregadas. Com este viés interpretativo neste estudo prioriza-se tanto uma reflexão sobre a natureza como sobre o território posto que a existência deste é produto das concepções de mundo e das relações sociais. A ilustração será feita com o Cerrado do Norte Goiano, buscando a compreensão deste território resultante de novos olhares sobre o mesmo.

NATUREZA E NATUREZAS DO CERRADO _____

Foi com base na noção ocidental de natureza que se estruturou o imaginário que dá sentido ao mundo moderno e à sua cosmologia que possui uma concepção "naturalista" da realidade. De acordo com esta concepção o meio natural é um âmbito material e objetivo que existe em si, de maneira exterior ao humano e independente de todo conhecimento. A separação entre o "humano" e "não humano" tornou-se "natural", ainda mais que a fronteira divisória entre os mesmos foi traçada pela sociedade dos humanos.

Esta oposição fundadora entre o natural e a sociedade não somente tem profundas implicações para a epistemologia da ciência como, também, constitui a base de nossa economia e da economia política. A civilização ocidental privilegiou a eficiência econômica em função da qual desenvolveu seu sistema de conhecimento. E nós, ao projetarmos nossa visão dicotômica da natureza como uma realidade ontológica, inviabilizamos os pressupostos e os contextos históricos nos quais ela surge, descartamos outras formas de conceber o natural e impedimos que a cosmologia ocidental moderna seja reconhecida como um discurso cultural particular. Como bem destaca Serje (1999:11), o nosso olhar obtuso não alcança que "não existe Natureza no singular. As naturezas são tantas quanto os grupos sociais."

Várias foram as atitudes dos homens face à natureza, resultantes de suas concepções como selvagem, sublime, pura, divina, objeto de conhecimento, útil, recurso, sendo que estas ainda se manifestam, com variações, nas relações sociedade-coisas naturais. Embora o leque de entendimento sobre o natural tenha sido ampliado, permanece em comum nestas visões a sua concepção como realidade alheia à intervenção social, como um produto único e exclusivo das leis da seleção natural e a exclusão de sua dimensão histórica. A natureza se visualiza, então, como negação da vida urbana, da cultura e das práticas sociais. Esquece-se até que regiões florestais, tidas como arquétipos do mais natural da natureza, se existem como tal, são lugares produto de relações e significações sociais, das práticas e dos medos e preferências das sociedades que as habitam. O habitat e a paisagem de cada sociedade não são, portanto, unicamente consequência da "oferta natural" e de solo, clima, vegetação, altitude, mas sim, "o produto de um conjunto de dispositivos sociais, através dos quais algumas espécies se valorizam e se reproduzem, se selecionam e se preservam e outras restam desfavorecidas" (idem, 1999:39).

A natureza se reinventa na modernidade pelo seu valor de recurso (principalmente econômico, espetáculo e/ou exibição) ilustrado aqui pela biodiversidade e pelo ecoturismo. Ambos visam ao consumo das coisas naturais, que – depois de dessacralizadas, objetivadas e manipuladas pela sociedade capitalista – se reencantam com valores antológicos. Assim, o discurso da conservação das espécies, dos atrativos turísticos naturais e da diversidade genética faz emergir outras leituras sobre a natureza, outros interesses e novos olhares

valorativos. São valores capitalistas que também alimentam o atual imaginário sobre o Cerrado, razão pela qual discute-se esta revalorização no Norte Goiano.

O Cerrado, um bioma, considerado como segundo ecossistema brasileiro em extensão, compreende todo o Centro-Oeste do país, espalhando-se por outros estados tanto da região Nordeste como do Sul, ocupando quase a quarta parte do território nacional e prolongando-se além da fronteira com a Bolívia. É, assim, tida como a maior savana tropical do mundo em área contínua de um único país.

A localização do Cerrado entre o espaço mais densamente ocupado (Sul e Sudeste) e a Região Norte possibilitou um sistemático processo de integração, que, desde os anos de 1950, passou a constituir-se em uma extensa fronteira agrícola propiciada pela sua capacidade de receber população e seu potencial econômico a ser explorado. Atentos a estas características, os investidores governamentais e multilaterais procuraram transformar esta região do Cerrado em um grande produtor, principalmente de grãos, para o abastecimento do mercado mundial. A soja e o milho foram selecionados, juntamente com a pecuária, como os principais produtos de destaque regional, bem como a mineração e a silvicultura.

Para o ideário desenvolvimentista que caracterizou as principais políticas governamentais desde a década de cinquenta do século vinte, as vastas terras do Cerrado significavam, e ainda significam, um espaço com viabilidade econômica, obscurecendo desta forma seu potencial enquanto biodiversidade. A expansão da monocultura da soja, embora venha favorecendo a balança comercial brasileira, também está afetando sensivelmente o

ecossistema e as populações locais. No caso da biodiversidade há a perda de habitat de inúmeras espécies animais e vegetais, o que reflete sobre aquelas populações gradualmente privadas de sua base de recursos, comprometendo, assim, sua identidade cultural enquanto homem do Cerrado.

Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) apontam que apenas uma terça parte do Cerrado encontra-se pouco antropizado, enquanto que outra terça parte foi muito ocupada, sobretudo em áreas do Mato Grosso do Sul, de Goiás, de São Paulo e da divisa deste com o Paraná. Nestas áreas, os dados de Santos (2000) demonstram que cerca de 50% a 92% da superfície de Cerrado está fortemente modificada.

Nas últimas três décadas a população residente no Cerrado praticamente duplicou. Em 1996, a taxa de crescimento populacional foi superior à registrada para o país no mesmo período. A despeito de um crescimento econômico com base agrícola a concentração populacional dá-se na zona urbana, o que não impede o avanço acelerado da taxa de desmatamento. Na compreensão de Lima (1998), o processo de ocupação explica-se como uma vitória da ciência e da técnica sobre o objeto "natureza".

Pesquisas recentes de Villa Real (2001) e Santos (2000) apontam que no Cerrado existem cerca de 6 mil espécies de árvores; 837 espécies de aves (4.º lugar no mundo em importância); 150 espécies de anfíbios (8.º lugar em importância); 195 espécies de mamíferos, sendo 18 endêmicas; e no que concerne a invertebrados estima-se que o Cerrado abranja 14.425 espécies, representando 47% da fauna, estimada para o Brasil em três ordens de insetos: *Lepidoptera*, *Hymenoptera* e *Isoptera*; 120 espécies de répteis; 738 das 3 mil espécies de peixes já descritas na América do Sul; e 10 mil espécies de

plantas (7.º lugar de importância mundial). Calcula-se que mais de 40% das espécies de plantas lenhosas e 50% das abelhas aí existentes sejam endêmicas. De gramíneas registram-se mais de cinco centenas de espécies, sendo a grande maioria endêmica da região.

Esta espetacular exuberância faz com que o Cerrado seja considerado um dos *hots pots* de biodiversidade do planeta, ou seja, uma das zonas de grande diversidade biológica mais ameaçada pela intervenção humana. De fato, apenas 1,5% de seu território encontra-se protegido na forma de Unidades de Conservação. Agrava-se portanto, o equilíbrio ecossistêmico e com a destruição sistemática a que a região é submetida o país perde um potencial biológico e uma importante alternativa socioeconômica baseada na utilização sustentável da diversidade biológica do Cerrado¹.

Esta natureza está ancorada a um território e dele é parte; o enfoque abrangerá, portanto, o território. Este é portador de recursos e de ativos, conforme proposição feita por Benko. Os primeiros são "os fatores a revelar, a explorar, ou ainda a organizar (...) uma reserva, um potencial latente"; e, os "ativos", embora sejam pontuais, são fatores em "atividade" (2001:41); contudo, para este autor, a singularidade reside nos ativos específicos "cujo valor é função das condições de uso e resultam da contribuição histórica, de uma aprendizagem coletiva cognitiva e da acumulação de memória" (p. 46). Neste estudo os ativos tanto correspondem àquilo que se conhece e se insere no conhecimento popular quanto à diversidade florística do Cerrado, parte da natureza.

A VISIBILIDADE DOS TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS _____

Como organização do espaço, pode-se dizer que o território responde, em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada

sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam. Porém, sua função não se reduz a esta dimensão instrumental: o território é também objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo.

O território se pluraliza segundo escalas e níveis historicamente constituídos e sedimentados, englobando escalas como o local, o município, o estado, a região e o país. Estas diferentes escalas não constituem um *continuum*, mas sim níveis imbricados ou superpostos². Nesta análise consideraremos simultaneamente duas dimensões de território: os territórios próximos ou identitários (os povoados, as comunidades, o município) e os territórios mais vastos como o estado, o país e o mundo³. A região, denominada de Norte Goiano, será a conjunção entre os territórios próximos e distantes, isto é, um mais da vivência e de deslocamentos frequentes e o outro mais abstrato, portador de uma percepção subjetiva. Na leitura do Cerrado, nós nos referiremos aos territórios superpostos contendo, contudo, a transversalidade dos territórios culturais. Como já dissemos anteriormente o território é o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas; a cultura inscreve-se assim no território, deixando marcas pela história e pelo trabalho humano o que, no nosso caso, pode ser apreendido pelo processo de apropriação do Norte Goiano.

A região do Norte Goiano conheceu uma ocupação indígena mais significativa entre todas as Províncias brasileiras, que perdurou até a chegada de bandeirantes e sertanistas atraídos pela captura de índios e busca do ouro. A mineração propriamente dita, de 1726 a 1750, favoreceu o interesse em encontrar novos "descobertos" de ouro,

fazendo com que toda a Capitania de Goiás fosse percorrida pelas bandeiras. De acordo com Palacin e Morais (1989), arraiais só surgiam e populações se fixavam somente onde fosse achado o ouro. Nesta extensa área entre o Tocantins e os chapadões dos limites com a Bahia, na maior parte árida e áspera, destacavam-se, naquele período, as povoações de Arraias, São Félix e Cavalcante. Nos idos de 1734 as minas de ouro deram importância ao Julgado de São Félix de Cantalice, todavia, os conflitos intensos com os Canoeiros provocaram o declínio deste Julgado e a emergência de Cavalcante como capital regional que comandava a ocupação em toda Chapada dos Veadeiros até meados do século XX.

Nos finais do século XVII, tendo em vista que a riqueza se media pela posse dos metais preciosos, tanto os governantes quanto o povo definiram que todos os esforços de capital e de mão-de-obra deveriam concentrar-se na produção do ouro. Isto nos explica o pouco desenvolvimento da lavoura e da pecuária em Goiás durante os cinquenta primeiros anos e a pouca estima de outras condições de produção como o roceiro, proprietário de terras e os escravos dedicados à lavoura. Segundo aqueles mesmos autores, estas também são as razões do porquê fora da mineração não se desenvolviam outras formas importantes de economia durante o século XVIII e que somente fossem ocupadas as áreas auríferas.

Cabe, no entanto, registrar uma referência à cultura do trigo na Chapada dos Veadeiros, naquele período, por diversos cronistas e viajantes. Cordeiro citado por Lima (2001), chega mesmo a nomear pessoas e locais dos primeiros cultivos do trigo destacando "Moinho, o primeiro lugar na chapada onde foi construído um monjolo movido a água".

Quando se evidenciou o esgotamento da mineração a população decresceu na Província e coube à pecuária desenvolvê-la e aumentá-la. Cabe destacar que a agropecuária como um todo sempre existiu em Goiás, desde os tempos do ouro, mesmo como atividade secundária desenvolveu-se no Norte pelos descampados de Arraial de Flores e Arraias. Para Barreira (1997), foi o gado que ligou Goiás a várias regiões do Brasil, evitou a total falência econômica de Goiás e fez a fixação do homem e a ocupação de novas parcelas do território goiano.

Entretanto, em 1862, Cavalcante se destacava na produção tritícola, atingindo a cifra de 20 toneladas e chegando mesmo a exportá-la. A produção manteve-se expressiva até o ano de 1890, quando a Lei Áurea lhe retirou parte significativa de mão-de-obra, assim como o florescente e promissor garimpo de cristal.

Alto Paraíso praticamente adormeceu até os anos cinquenta do século vinte. Foi, entretanto, buscando um maior contato com a natureza que, a partir de 1957, começam a chegar ao município os desbravadores modernos.

A criação da fazenda-escola Bona Espero, instalada nas zonas centrais da Boa Vista, inaugura ali a presença do movimento esotérico e espiritualista que se fortaleceu posteriormente com a implantação da Cidade da Fraternidade (1963) e o Projeto Rumo ao Sol (1980). Este Projeto reuniu mais de 180 "alternativos" na Fazenda Bona Espero, remanescentes dos movimentos hippies dos anos anteriores, "interessados em um novo modelo de colonização, baseado nos pressupostos da natureza, da produção e consumo de alimentos naturais, do crescimento espiritual e da vida em comunidade" (LIMA, 2001:88).

O Governo interessou-se também para ali implantar um projeto político desenvolvimentista. Em 1981, o então governador estadual Ary Valadão obtém recursos internacionais para a criação de uma infra-estrutura urbana em Alto Paraíso necessária a implantação de um pólo agrícola de frutas e à exploração do potencial turístico. Este projeto foi bruscamente abandonado, ainda na fase inicial. Porém, o asfaltamento da GO-118 (trecho Brasília-Alto Paraíso), a melhoria urbana de Alto Paraíso, mais a progressiva migração de grupos espirituais vindos do Rio de Janeiro, São Paulo e outros – como os Cavaleiros de Maytreia, as Cúpulas de Saint Germain e os "Oshos" – e as primeiras divulgações no cenário nacional dos poderes energéticos produzidos pelo cristal e da beleza cênica, principalmente do Parque Nacional Chapada dos Veadeiros (criado em 1961), tudo isso provocou um grande interesse pela região.

Com efeito, a região de Alto Paraíso é frequentemente lembrada como a "Suíça goiana". Predominam as formas serranas, com altitudes variando de 1.180 metros até 1.520 metros, mas, de modo geral, o relevo é formado por vales e chapadas, com vales de rios extremamente encaixados e as rupturas de declives favorecendo o aparecimento de inúmeras quedas d' água e cachoeiras, algumas alcançando até 170 metros, como a Cachoeira da Água Fria. O clima ameno, de temperaturas médias anuais, que variam entre 24 a 26°C nas altitudes elevadas, possui longo período de estiagem, que vai de abril a outubro, e chuvas torrenciais de verão entre novembro e março; este clima semitropical de altitude desaparece quando se abandona a chapada, as temperaturas alcançando até 42°C nas regiões do vale do rio Bartolomeu, no sertão.

O povoado de Moinho, situado a 12 km de Alto Paraíso pela GO- 327, está situado às margens do Rio São Bartolomeu, no Vale do Moinho, entre os contrafortes da Serra Geral do Paranã e a Serra da Água Fria. Nos seus morrotes arredondados e nos vales, pastos e lavouras diversas substituíram os campos de trigo de outrora.

A população é predominantemente de pequenos lavradores que trabalham em seus pequenos pedaços de terra ou como meeiros na região do boqueirão; nos pequenos sítios eles moram em casas simples às vezes de adobe, porém, tanto no povoado quanto naqueles, são cercadas por quintais frondosos com enormes mangueiras, plantações de cana-de-açúcar, de milho e de mandioca, além de diversas plantas ornamentais, medicinais e para condimentos. O núcleo social estruturou-se inicialmente a partir de poucas famílias, antigas no local, desenvolvendo estreitos vínculos com as coisas naturais. Moinho adquiriu reputação com uma moradora em particular, graças ao profundo conhecimento dessa senhora sobre as plantas do Cerrado em suas manifestações serranas. Dele ela retira resinas, frutos, folhas e raízes para uso medicinal. Isto ganhou uma outra dimensão quando a bucólica comunidade atraiu, a partir dos idos oitenta, os chamados "alternativos", já mencionados, que ali no contato com a natureza, afirmam encontrar energia e "aperfeiçoamento espiritual". Moinho, tanto para os tradicionais moradores quanto para as comunidades alternativas existentes nos diversos sítios dos arredores, tem a característica de um geosímbolo, definido por Bonnemaïson (1981:256) como " um lugar, um itinerário, um acidente geográfico, que por razões políticas, religiosas, históricas ou culturais possui aos olhos de certos grupos sociais ou povos uma dimensão simbólica que alimenta e conforta sua identidade ".

A estrada, deixando o Moinho à esquerda, vai acompanhando o Pé-de-Serra e alcança a Boca do Sertão, região de destaque pelas propriedades rurais maiores e pelo predomínio da pecuária. As moradias rareiam-se. Fazendas, com sedes modernas denotando grandes investimentos financeiros, alternam-se com propriedades menores de casas mais humildes no porte e na construção. A altitude média situa-se em torno de 600 metros como na Fazenda Murici. As chuvas já se escasseiam e a fisionomia do Cerrado acompanha as mudanças climáticas. Cabe lembrar que Warming (1973) atribui as diferenças fisionômicas do Cerrado à natureza do terreno, dos declives e da composição dos solos; onde o solo é mais raso, como neste caso do Sertão, as árvores tornam-se mais espaçadas e mais baixas, retorcidas, com copas bastante irregulares, casca grossa e cortiçosa, folhas coriáceas e geralmente pilosas. A área, bastante antropizada devido ao cultivo de pastagens e tratos agrícolas, apresenta pastos, capoeirões, entremeados com pequenas e esparsas manchas remanescentes de vegetação natural – matas ciliares, mata de galeria, cerradão, principalmente nos terrenos de declives e encostas e naqueles de difícil acesso pelas cotas altimétricas mais elevadas. O bom conhecimento de certas plantas desta vegetação, por parte da população, permite a extração de folhas de palmeiras para o fabrico de peneiras, cestos e remédios, madeira para peças de artesanato e frutos para geléias e doces. O modo de vida, essencialmente rurícola, é determinado pelo cotidiano e pelas práticas culturais, pelas percepções da natureza e da condição de morador do sertão, bem como pela fragilidade econômica dos pequenos agricultores.

Já o Cerrado, que se estende pela Chapada até ao norte no município de Cavalcante, distingue-se

pelo predomínio de Cerrado de Altitude e suas variações como formações campestres e formações savânicas. Nas áreas entalhadas por veredas ocorrem os buritizais (*Mauritea Vinifera Mart.*). À medida que a drenagem se define, a vereda passa a ser substituída pela mata ciliar. Margeando as várzeas, em áreas pouco encharcadas, aparece uma vegetação rasteira de capins rústicos e arbustos e vastos trechos de canelas de ema, candombás e *Velozias Arborecentis*, segundo Lima "anunciadoras de terrenos diamantinos e cristalinos" (2001:93).

Nas terras dos Kalunga, ainda nas proximidades com o município de Cavalcante, a altitude permite a existência dos Campos Rupestres que se apresentam pontilhados de palipalãs, pingo de ouro e *Paepalanthus Speciosus Gardn*, vulgarmente conhecido como "chuveirinhos" serpenteados por veredas de palmeiras de buritizais. Nas elevações em direção ao vale do Paranã, há o domínio do Cerrado de Formações Florestais, considerada como boa para os plantios de roçados. As terras correspondem a 202.000 hectares de vales, rios e montanhas parcialmente ocupadas por quilombolas do Povo Kalunga que ali se estabeleceram a partir do século XVIII. São cerca de 3.000 pessoas descendentes em sua maioria de africanos, distribuídas em 20 comunidades na área rural.

Engenho, povoado kalunga com aproximadamente 62 casas relativamente dispersas no altiplano da Serra Santana, distante 25 km de Cavalcante, foi selecionado para ilustrar a cultura e a natureza deste outro ambiente do Cerrado. Vivendo parcamente com seus recursos de agricultores de subsistência, boa parte cultivando "em terras dos outros", de criadores de "duas cabeças" de gado e extrativistas (mineral e principalmente

vegetal), os Kalunga resguardaram a tradição, hoje considerada a memória social deste Povo. É rico o conhecimento das espécies do Cerrado, principalmente no que diz respeito às plantas medicinais. Nas formações Campestres e capoeirões, abundam-se as sementes, resinas, raízes, cascas e folhas indicadas para cicatrizes, infecções, depurativos, coçeras, problemas pulmonares etc. Há pouco tempo, alguns Kalunga reelaboraram o significado atribuído às suas fontes naturais e quedas d'água e estas se tornaram atrativos de lazer. A natureza e a cultura deste Povo mereceram até um destaque em recente "Globo Repórter", e o ecoturismo nas terras dos Kalunga já vem atraindo até visitantes estrangeiros.

No nosso entender, Moinho, Engenho e a Boca do Sertão, com suas áreas ecológicas diferenciadas do Cerrado, as peculiaridades dos habitats rurais, as áreas de roçados, as casas, seus quintais e as maneiras de seus moradores relacionarem-se com a natureza, são bens ambientais mas, também, são formas objetivadas da cultura e, por extensão, distintos geossímbolos. Os moradores destes geossímbolos interiorizam o espaço e a natureza, integrando-os ao seu próprio sistema cultural. Para estas populações "conservar" o natural é levar em conta suas interações, suas práticas cotidianas, econômicas, simbólicas e materiais naquele território. A diversidade, todavia, permite afirmar que territórios identitários estão contidos no território do Cerrado. Como territórios identitários eles se caracterizam, portanto, pelo papel primordial da vivência e pelo marco natural, o cerrado; eles seriam tanto espaços de sociabilidade comunitária como refúgios frente às agressões externas de qualquer tipo.

Todo este universo, pela sua dinâmica histórica e política nos revela o território, é resultado da valorização e da apropriação do espaço. Este território é visto enquanto local de confrontação das manifestações das chamadas populações tradicionais do Cerrado na recomposição contínua de seus espaços de interações segundo suas necessidades e desejos e das formas objetivadas e programadas de uso e gestão do Cerrado. O significativo e o significado de território, com o qual nós concordamos, Gimenez expressou dizendo:

"um meio de subsistência, uma fonte de recursos, uma área geopoliticamente estratégica, como uma unidade político administrativa etc; porém, também como paisagem, beleza natural, entorno ecológico, como objeto de apego afetivo, a terra natal, como lugar de inscrição de um passado histórico e de uma memória coletiva."
(GIMENEZ, 2000:94).

As populações tradicionais do Cerrado têm um bom nível de conhecimento das plantas, e isso permite afirmar que a biodiversidade deste ecossistema é, na atualidade, parcialmente de domínio das mesmas. É pela cultura que as populações interagem com a natureza, fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular. Pela compreensão do uso e pelas representações feitas sobre as plantas entende-se sobre a manutenção/extinção de expressões culturais denotadoras de uma interação homem-Cerrado e sobre como estas populações "enraizam-se" no território. Território, também, pela "paisagem, beleza natural", recurso do ecoturismo aqui posto como uma das reinvenções da natureza no Norte Goiano.

A cultura contém no seu bojo a compreensão e a leitura da natureza, e é ela que qualifica o objeto turístico. O objeto turístico em si não existe sendo uma invenção pelo e para o turismo, responsável pela invenção deste objeto. Assim também são os espaços, os lugares e os territórios que se tornaram turísticos. Almeida (2000) afirma que o turismo, lançando o seu olhar sobre a natureza ao mesmo tempo em que se fascina por cenários no qual a mercadoria e valor de uso não são as preocupações essenciais das sociedades tradicionais, ele a classifica, a aprecia pela sua identidade passível de ser marketing turístico e promovido mundialmente. O olhar extasiado confunde-se com o olhar valorativo. Assim, é com base na representação da natureza, como paisagem, e da apropriação desta pelos interesses capitalistas que se institui seu consumo pelo turismo. E, numa época em que a "religião" das coisas naturais está em quase todas as novas espiritualidades em voga, o turismo ecológico, ecoturismo, turismo natural ou turismo em meio rural, não importa qual denominação, fortalece-se como um dos segmentos mais promissores da reinvenção da natureza, principalmente no Norte Goiano.

A natureza do Cerrado tornou-se um dos produtos mais apreciados e consumidos pela população citadina – esta representa um universo de aproximadamente três milhões de pessoas –, proveniente notadamente de Brasília e seu entorno, de Goiânia e de Anápolis.

Considerando que a natureza foi idealizada como realidade oposta à cidade e à vida citadina, este desejo de usufruir a natureza surge, como justifica alguns, guiado pela necessidade de sentir-se de acordo e em harmonia com o cosmos, com o

universo, com o ambiente e, sobretudo, com a consciência de "estar aqui" (SERJE, 1999). Entretanto, alguns autores alertam que esta união com o natural é um pretexto e não um objetivo. A suposta magia da comunhão com a natureza realiza uma série de operações simbólicas que nunca perde de vista a identidade social de qualquer um de seus participantes. De fato, toda uma hierarquia social é ratificada por trás do eufemismo imagem idílica de Alto Paraíso: os "nativos" participam como guias, informantes, como subalternos dos proprietários das pousadas e nas comunidades alternativas. A comunicação com a população tradicional⁴ restabelece-se através da lógica da dádiva, a material e a do reconhecimento, em troca de informações sem as quais a empresa seria impossível. A magia do ecoturismo logra, de fato, a ocultar a violência simbólica que se encontra inscrita na relação assimétrica dos interlocutores sociais.

Entretanto, o ecoturismo inclui-se no paradigma do desenvolvimento sustentável colocado com uma prática que a priori visaria o bem estar da população envolvida. Silva (1997) nos alerta sobre este paradoxo, acrescentando outros elementos representativos da inscrição do ecoturismo na sociedade moderna: na contradição do exercício de práticas econômicas dentro de uma determinada legalidade ambiental; na contradição entre a concepção naturalista e a concepção socioambiental da natureza e na contradição entre o discurso da preservação do natural e a intensificação de práticas econômicas de exploração das coisas naturais.

Natureza e turismo realizam uma aliança notável para promover o chamado turismo ecológico, turismo verde, turismo em meio rural ou ecoturismo, um recurso, segundo Benko e já exposto, entre tantos

outros recursos que o Cerrado encerra. A biodiversidade, conforme já assinalamos no início, aqui é entendida compartilhando de igual sentido atribuído a mesma pelos movimentos sociais colombianos, citado por Escobar (1999, p.96) como sendo o "território culturalizado".

Depois de séculos de destruição sistemática da vida e da natureza, a esta vista como um mundo exterior de matérias-primas, assiste-se um crescente interesse por parte do capital e da ciência na manutenção da diversidade biológica. A "erupção do biológico" como um fato social central das políticas globais do final do século XX e início do atual coloca as áreas tropicais, ou seja, o Cerrado em uma posição biopolítica global fundamental. Vivemos um momento de (re)significação das áreas tropicais (como valiosa reserva genética) e de suas populações tradicionais como portadoras de conhecimentos de conservação da natureza.

Já mencionamos, no início deste texto, a exuberância da biodiversidade do Cerrado. E os genes das espécies selváticas constituem-se em uma valiosa biblioteca de informação genética, fonte de drogas e, talvez, reserva de abundância de medicamentos, cosméticos e alimentos que poderiam converter-se em produtos valiosos mediante a biotecnologia. As áreas de Cerrado, em estudo, constituem-se em um espaço social onde se observa a reinvenção da natureza, a busca de sistemas econômicos alternativos e a persistência de modos de vida tradicionais, a despeito de uma recente hibridação cultural que ocorre, conforme Canclini (1989), entre formas modernas e não modernas motivadas pelas ações desenvolvimentistas.

O discurso da biodiversidade promete salvar a natureza das práticas destruidoras e em seu lugar instituir uma cultura da conservação. É uma nova

maneira de falar sobre a natureza dentro de uma profunda mediação técnico-científica e é, também, uma nova interface entre a natureza, o capital e a ciência.

De acordo com as instituições dominantes, e manifestando, sobretudo os interesses da indústria químico-farmacêutica, a chave para a conservação da biodiversidade está na utilização dos recursos de modo a garantir sua conservação a longo prazo. Ou seja, os padrões de significado-uso dos recursos naturais são de grande importância na teorização e quantificação da biodiversidade. O dito uso, na opinião daquelas instituições, deve-se fundamentar no conhecimento científico da biodiversidade, em sistemas apropriados de administração e em mecanismos adequados que estabeleçam os direitos da propriedade intelectual e que protejam as descobertas passíveis de serem comercializadas. A Estratégia Global para a Biodiversidade, elaborada em 1991, apoiando-se na tríade conhecer-salvar-usar, tem promovido por diversos meios a caça aos genes, justificando-a como necessária para salvar a natureza e afirmando que a fonte dos benefícios e das ganâncias da conservação está nos mesmos.

Segundo Escobar (1999) existem três regimes diferentes para a produção da natureza: orgânica, capitalizada e tecnonatureza. A natureza orgânica está representada por aqueles modos que não são estritamente modernos. A natureza capitalizada baseia-se na separação do mundo humano do natural, sendo as relações sociais capitalistas e patriarcais mediadas pelo trabalho. E a tecnonatureza é a natureza produzida mediante novas formas de tecnociência, particularmente em tecnologias moleculares⁵. As três coexistem e se superpõem no espaço e no tempo. A maioria das aplicações atuais resultantes da prospecção da biodiversidade poderia ser considerada como tecnonatureza capitalista.

No caso da natureza orgânica, o conhecimento existente sobre o Cerrado permite afirmar que há uma relativa indissociabilidade do mundo biofísico, humano e espiritual, evidências de relações sociais genuínas, de circuitos tradicionais e formas de uso e entendimento da natureza pela dimensão cultural. Esta singularidade está presente em outros universos do rural brasileiro, mas se esgarça. Apenas para exemplificar, em pesquisas sobre o sertanejo do vale do São Francisco, (Almeida, Vargas, 1998) já relatamos como o desaparecimento da caatinga, associada à chegada de estradas e à energia, contribuiu para que os mitos e crenças sobre a Caipora, o Maçoni, o Redimoinho e o Lobisomem passassem a ser considerados "estórias da avó".

O discurso do ecoturismo como manejo de recursos está imbricado em três outros discursos: a ciência conservacionista e campos afins, o desenvolvimento sustentável e a repartição de benefícios mediante a participação da população concernente ao atrativo. O discurso sobre a biodiversidade não é diferente, incluindo, porém, uma atribuição valorativa dos direitos de propriedade intelectual. Nos interessa particularmente enfocar, considerando as populações tradicionais do Cerrado, esta última. Posey, discutindo sobre os direitos de recursos tradicionais do índio Kayapó, nos alerta sobre a necessidade de uma ética no que diz respeito à prospecção da biodiversidade, pois "se alguma coisa não for feita de imediato, a propriedade intelectual, cultural, científica e mesmo sagrada de povos indígenas e tradicionais será privatizada pela indústria e alienada de seus originadores" (1998:187). De fato, temos assistido nos últimos tempos uma proliferação de instituições internacionais e nacionais, governamentais e não-oficiais, empenhada em

investigar e redescobrir a biodiversidade dos diversos ecossistemas brasileiros. Ora, elas têm mormente as populações tradicionais como informantes sem que estas saibam sequer as finalidades e usos que estão sendo dados para seus conhecimentos.

NO REVERSO DA REINVENÇÃO... _____

Queremos crer que a (re)significação da natureza pelo discurso do ecoturismo e da biodiversidade ainda não esteja de todo assimilado pelas populações tradicionais do Cerrado. Assim, estas desconhecem ou ainda minimizam o potencial que elas e o Cerrado possuem para os projetos econômicos baseados em biotecnologia e ecoturismo, atrativos para estas populações na medida em que podem oferecer oportunidades para melhorar as condições de vida, evitando a destruição da natureza e das culturas locais. Entretanto, se o interesse pela biodiversidade e pelo ecoturismo do Cerrado implicará em novas formas de colonização da paisagem natural e cultural ou se contribuirá na criação de novas possibilidades e horizontes para as comunidades locais, esta é uma questão em aberto.

Sem dúvida o ecoturismo e a biodiversidade podem ser elementos importantes na consolidação do território e na formulação de estratégias de desenvolvimento articulando uma nova relação entre natureza e sociedade em contextos globais da ciência, da cultura e da economia.

Estamos presentemente, do ponto de vista epistemológico, no limiar de duas visões da natureza: aquela naturalista, que reduz ou privilegia o significado da natureza em seus aspectos físicos e biológicos, dissociando a natureza da sociedade; e uma visão socioambientalista, que além do natural leva em conta o homem, as relações sociais e as suas ações.

As questões políticas que dizem respeito ao ambiente ou ao "natural", quando conduzidas em alguns meios acadêmicos, terminam, em sua maioria, por transformar-se em questões do tipo científico e tecnológico o que finda por despolitizar o debate sobre a natureza. Além disso, considerar a ciência como fonte de autoridade universal e de legitimidade do conhecimento revela uma concepção de ver o mundo e a vida, e desloca para a margem um encontro com outras cosmologias e outras culturas. Isto tem como consequência um processo de invisibilidade de práticas e saberes de outras sociedades como formas viáveis de socialização.

Paralelamente, cada vez mais geógrafos e antropólogos culturais demonstram que as comunidades rurais dos países periféricos "constroem" uma natureza diferentes das prevalentes formas modernas. Os significados e usos atribuídos aos ambientes naturais são particulares através da construção de um conjunto de práticas coerentes para pensar, relacionar e utilizar o biológico. As sociedades ditas modernas, ao contrário, fazem uma separação entre a natureza, o homem e o sobrenatural; os modelos locais, em muitos contextos, geralmente estão baseados em vínculos de continuidade entre as três esferas e em relações sociais não capitalistas.

É possível cogitar a não dominância dos territórios identitários pelos territórios distantes neste processo de (re)significação da natureza? Será possível a defesa dos modelos locais no campo dos debates de apropriação e conservação da biodiversidade? Haverá um modelo local de ecoturismo? Bem, tendo em vista as ricas tradições culturais e como as populações do Cerrado interagem com aquela natureza, é de se supor que

estas populações tornam-se partícipes importantes de planos e projetos concernentes à natureza, ou seja, ao território.

NOTAS

* Primeiras reflexões feitas, embasadas no projeto "Cultura, conhecimento e uso das espécies nativas pelos pequenos agricultores do Cerrado." Programa Centro-Oeste de Pesquisa e Pós-Graduação – PCOPG – 2000/2002 – CNPq

¹ A UNESCO inclui o Cerrado em seu programa de Reserva da Biosfera. Este visa à conservação da biodiversidade, desenvolvimento sustentável e aprimoramento científico. Em 1993, foi criada a Reserva da Biosfera do Cerrado, Fase I no Distrito Federal e, em 2000, no Nordeste Goiano, a Reserva da Biosfera Goyaz, Fase II (VILLA REAL, 2001).

² Para explicar a relação hierárquica existente entre o local e o município, entre este e o estado e assim sucessivamente, Yves Lacoste (1993) sugeriu a teoria dos "territórios empilhados". De acordo com este autor em sua aplicação deve-se "classificar por ordem de magnitude os múltiplos conjuntos de todos tamanhos que devem ser considerados (...) e representar estas diferentes ordens (do local ao planetário) como uma série de planos superpostos".

³ Cabe esclarecer que manteremos aqui a terminologia usual para as unidades político-administrativas município e estado) visando facilitar a identificação do recorte espacial.

⁴ Entendida conforme definição proposta por Diegues (1993)

⁵ O autor esclarece que estes processos de produção da natureza não representam etapas na história da natureza social nem têm uma linearidade; todavia, representam instâncias da natureza construída e as respectivas práticas de construção são relativamente distintas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. G. "Algumas inquietações sobre ambiente e turismo". In: MENEZES, A. V. C; PINTO, J. E. S. (orgs.). *Geografia 2001*. Aracaju: NPGEO, 2000. pp. 51-64.

ALMEIDA, M. G. e VARGAS, M.A.V. "A dimensão cultural do sertão sergipano". In: DINIZ, J. A. F. e FRANCA, V. L. (orgs.). *Capítulos da Geografia Nordestina*. Aracaju: NPGEO/UFS, 1998. pp. 469-87.

BARREIRA, C. C. M. A. *Região da Estrada do Boi – usos e abusos da natureza*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

- BENKO, G. e PECQUEUR B. "Os recursos de território e os territórios de recursos". *Geosul*. Florianópolis. Ed. UFSC. v. 16, n. 32, pp.31-50, jul./dez. 2001
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar y salir de la Modernidad*. México: Grijalbo, 1989.
- CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- CLAVAL, P. "O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana". In: ROSENDAHL Z. CORRÊA R. L. (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- DIEGUES, A. C. S. *Populações tradicionais em unidades de conservação: o mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Cebimar/Nupaub, 1993.
- ESCOBAR, A. *El final del salvaje. Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología/CEREC, 1999.
- GIMENEZ, G. "Territorio, cultura e identidades. La región sociocultural". In: BARBERO, J. M.; ROCHE, F. L.; ROBLEDO, A. (eds.) *Cultura y Región*. Bogotá: Ccs/ Universidad Nacional / Ministerio de Cultura, 2000.
- LACOSTE, Y. *Préambule/Etat-Nation/Pétrole: Dictionnaire de géopolitique*. Paris: Flammarion, 1993
- LIMA, R. B. "Natureza: uma categoria do social". In: DUARTE L. M. G.; BRAGA, M. L. S. (orgs.). *Tristes Cerrados – sociedade e biodiversidade*. Brasília: Paralelo15, 1998.
- LIMA, L. *Entre cimões nublados uma solidão selvagem – uma corografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros*. Brasília: Thesaurus, 2001.
- MOSCOVICI, S. *Essai sur l'histoire humaine de la nature*. Paris: Flammarion, 1977.
- PALACIN, L. MORAES, M. A. *História de Goiás (1722-1972)*. Goiânia: Ed. da UCG., 1989.
- PASSAMORE, J. "Atitudes frente à natureza". *Revista de Geografia*. Recife: UFPE/ DCC. V. 11, n. 2, jul./dez. 1996. pp. 91-102
- POSEY, D. "Consequências ecológicas da presença do Índio Kayapó na Amazônia: recursos antropológicos e direitos de recursos tradicionais". In: CAVALCANTI, C. (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. 2.ed. São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 1998. pp.177-94.
- PIRES, M. O.; SANTOS, I. M. (orgs.). *REDE CERRADO – Construindo o Cerrado Sustentável*. Experiências e Contribuições das ONG's. Brasília: Gráfica Nacional, 2000.
- RUDOLF, F. *L' environnement, une construction sociale. Pratique et discours sur l' environnement en Allemagne et en France*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 1998.
- SERJE, M. R. "La concepción naturalista de la naturaleza –u n desafío al ambientalismo". *Revista de Antropología y Arqueología*. Universidad de los Andes. v. 11, n. 1-2, 1999, pp. 5-70.
- SILVA, T. "O ambiente e o turista: uma abordagem discursiva". In: SERRANO, M. C. e BRUNHS, H. T. (orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papyrus, 1997
- VILLA REAL, B. *Guia por onde andar – Roteiros turísticos comentados*. Nordeste Goiano- Goiânia: AGETUR, SEMARH, 2001.

RÉSUMÉ

IL S'AGIT D'UNE ÉTUDE DES LECTURES ACTUELLES DE LA RÉLATION SOCIÉTÉ-NATURE. DEUX COURANTS PRINCIPAUX ENFLAMMENT LE DÉBAT: UN COURANT SUR LA CRISE DE L'ENVIRONNEMENT ET L'AUTRE SUR LA VALORISATION DE LA NATURE CELLE-CI COMME PARTIE ET PRODUIT DE LA SOCIÉTÉ. LA NATURE, DANS LA MODERNITÉ, EST RÉINVENTÉE PAR SA VALEUR DE RESSOURCE, ILLUSTRÉE ICI PAR LA BIODIVERSITÉ ET LE TOURISME. COMME LA NATURE EST MORCEAU ET ELLE AUSSI S'ANCRE SUR LE TERRITOIRE LA DISCUSSION EST FAITE À PARTIR DES TERRITOIRES IDENTITAIRES DU VÉCU ET D'APPARTENANCE ET AUSSI PAR L'EMPREINTE DU CERRADO.

MOTS CLÉS: RESIGNIFICATION DE LA NATURE, TERRITOIRES IDENTITAIRES, GEOSIMBOLE, CERRADO.